

Discovering a new world...

I remember my last day in Brazil with great joy and some sadness. It was the day



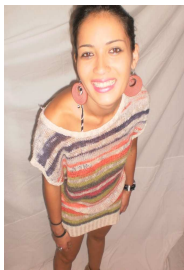
of my 12th birthday. The night before my departure, I could not sleep at all, such was the anxiety to know another country, another land, another culture, another people. I gave a big hug to all my friends and acquaintances, especially to Paula, my best friend. But it was a hug without sorrow, because I was not quite aware of what was happening: I was not going to

see them no more and my life would take place far away, beyond the sea. But when the time to say goodbye to my grandmother arrived, I felt a little pain in my chest and realized I was going to miss those who had seen me growing up. So, I cried, I cried a lot. Nani, my dearest little bitch, also made me sad. My pet used to run with me, always was where I was, went everywhere I went. Even today, after all these years, I fondly remember the good times we spent together.

Arriving in Portugal, my curiosity was such that, despite being night, I could see that what surrounded me was totally different from what I was used to. Watching from inside the car, I saw trees, shrubs, plants that passed by me sharply, as the lights of city were getting further behind. There was a nature that did not seem to have the hand of man. At home, this feeling got stronger, as there were horses, cows, plants and water, spreading out hoses or sprinklers, seeming more like springing from the ground. I was fascinated! In my homeland, the place where I came from - Sao Paulo - I only had contact with the urban places, created by man: skyscrapers, apartments and cars, many cars. Moreover, here everybody knew everybody, and all were a family, despite not having the same blood. I can unequivocally state that there was difficult for me to adapt to Portugal, because I never felt alone.

Phâmella Yuki – Secondary School D. Sancho I (Portugal)

Descobrimo um mundo novo...



Lembro-me do meu último dia no Brasil com grande alegria e alguma tristeza. Era o dia em que fazia 12 anos. Não consegui dormir na noite antes da minha partida, tal era a ansiedade de conhecer outro país, outra terra, outra cultura, outro povo. Dei um grande abraço a todos os meus amigos e conhecidos, especialmente à Paula, a minha melhor amiga. Mas foi um abraço sem mágoa, porque não estava completamente ciente do que ia acontecer: não ia vê-los mais e a minha vida teria lugar muito longe, para lá do mar. Mas quando a hora de dizer adeus à minha avó chegou, senti uma dorzinha no meu peito e percebi que ia perder os que me tinham visto crescer. Então, chorei, chorei muito. Nani, a minha querida e pequena cadela, também me deixou triste. Ela costumava correr comigo, estar onde eu estava, ir a todos os lugares a que eu ia. Ainda hoje, depois de todos estes anos, recordo carinhosamente os bons momentos que passamos juntas. Quando cheguei a Portugal, a minha curiosidade era tal que, apesar de ser noite, pude ver que o que me rodeava era completamente diferente daquilo a que estava habituada. Observando de dentro do carro, vi árvores, arbustos, plantas que passaram por mim rapidamente, enquanto as luzes da cidade ficavam para trás. Era uma natureza que não parecia ter a mão do homem. Em casa, este sentimento ficou mais forte, pois havia cavalos, vacas, plantas e água, brotando de mangueiras ou aspersores, mais parecendo jorrar do chão. Fiquei fascinada! Na minha terra, o lugar de onde eu vinha - São Paulo - só tivera contacto com espaços urbanos, criados pelo homem: arranha-céus, apartamentos e carros, muitos carros. Além disso, em Portugal toda a gente se conhecia e todos eram uma família, apesar de não terem o mesmo sangue. Sem sombra de dúvida, não foi difícil adaptar-me a Portugal, porque nunca me senti só.

Phâmella Yuki – Escola Secundária D. Sancho I (Portugal)